

resenha

Maia, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção: O espaço no pensamento social brasileiro.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

Espaço e imaginação social brasileira

Maro Lara Martins*



Ainda são poucos os estudos sobre o pensamento social e político brasileiro. Na discussão existente o que se observa na maioria das vezes é a procura por uma inter-relação entre autores brasileiros e idéias externas. Fato que se comprova em um dos maiores debates neste campo, trazidos pela polêmica das idéias fora do lugar. Atrelado a este debate estava presente uma busca pelos modelos de desenvolvimento utilizados pelos autores para explicar a situação de “atraso” brasileiro. Os principais modelos ou parâmetros seriam o modo como se organizariam alguns países da Europa Ocidental, em especial a Inglaterra e a França, e os Estados Unidos da América. Entretanto, outros modelos serviram e ainda podem servir como parâmetro para imaginarmos um novo modo de sociabilidade e uma nova racionalidade política. Parece ser esta

uma das “aberturas” propostas por João Marcelo Ehlert Maia em *A terra como invenção: o espaço no pensamento social brasileiro*.

A “Rússia Americana” é uma das linhas mestras construídas pelo autor para refletir sobre o papel da imaginação espacial no pensamento político e social brasileiro em geral e em Euclides da Cunha e Vicente Licínio de Cardoso em particular. O que João Marcelo Maia nos mostra é que a referência ao modelo russo de entrada na modernidade constitui uma linhagem de interpretação de longa história. Na verdade trata-se de uma espécie de *topos* do pensamento social e político brasileiro, mas que sempre se reformula e se reatualiza nas interpretações sobre o Brasil em diversos contextos. Certamente, o que estava em jogo era a constituição de uma noção de tempo-espaço diferenciada, tipicamente aclimatada em solo tropical. Cientes de uma possível aproximação de desenvolvimentos nacionais, no fundo, traduzem uma interpretação do Brasil que articula a questão nacional e o cosmopolitismo num registro marcado pela inventividade e pelo pragmatismo da experiência brasileira.

Imagens criadoras, além de intensificar o efeito argumentativo dos conceitos construtores da historicidade que propõem, pretendem produzir representações do passado e do futuro através das quais se procura abarcar o

presente com o seu fundo de tradição e inovação, conferindo compreensão ao passado e ao futuro. E estas imagens “geo-históricas”, que são, por sua vez, modelos de desenvolvimento rumo à modernidade, estão saturadas de passado e de futuro. A definição do “quem somos” e do nosso destino, estaria condicionada às idealizações sobre o passado e sobre o futuro, construindo as próprias idiossincrasias e estabelecendo novos significados ao presente.

O papel explicativo destes modelos trazidos à luz a partir de uma interpretação do pensamento social e político brasileiro trama a dramaticidade das evocações de nossa imaginação sociológica e política, ao se levar em conta, o inventário de nossa entrada para a modernidade, emergindo assim, os dilemas constitutivos através destas alegorias explicativas.

A tese central de João Marcelo Maia atravessa uma compreensão do papel da imaginação sobre o território na obra de Euclides da Cunha e Vicente Licínio de Cardoso, nas primeiras décadas do século XX. Nestes termos, a mobilização destas imagens espaciais não se restringe somente ao seu aspecto físico ou geográfico. Para João Marcelo Maia, as categorias de “americanismo positivista” e “engenharia periférica” traduzem uma determinada experiência social e intelectual desenvolvida por uma cultura científica difusa, pautada no positivismo à brasileira, avessa à sociabilidade cidadina e ao mundo da fábrica e norteadas a partir de um forte código moral, detalhadamente descrito pelo autor e definido a partir da formação intelectual que receberam e do próprio contexto da Primeira República brasileira.

Nesta linha de pensamento, estes intelectuais promoveriam uma

associação íntima entre os casos brasileiro, russo e americano, levando em consideração o destino a ser cumprido por tal particularidade de entrada na modernidade, possuindo características similares. O ponto central discutido é o modelo civilizatório e qual seria o caminho de entrada no Ocidente. Uma interpretação do Brasil que levaria em conta sobretudo o território, os sentidos da ação coletiva brasileira e a cultura política daí derivados. A partir das sugestões do Autor, o tema da *terra* enquanto *espaço geográfico* possui dois aspectos que se complementam. A classificação dos meios físicos que possam produzir tipos sociais específicos, neste caso, o meio como cenário onde se desenrola o processo civilizador, e, o meio físico como matriz para a produção de imagens e comparações sobre o mundo social capaz de dar sentido às experiências periféricas.

A partir destes questionamentos nos aproximamos do que João Marcelo Maia denominou de a “Rússia Americana”. Um movimento processual relacionado a um ordenamento social dinamizado pela ação pragmática de um novo homem em um mundo novo, traduzindo a possibilidade de invenção aberta à sociabilidade. Afastando assim, a difícil dicotomia entre Oriente e Ocidente, ao se pensar um código moral civilizatório distinto e animado pela construção nacional ancorada em uma geografia original que permitiria a afirmação do moderno na periferia.

A constituição de uma tradição de pensamento brasileiro, com suas múltiplas singularidades e com seus percalços ao longo de um tempo histórico não-linear ou cronológico, são faces de um processo inesgotável de possibilidades sempre em movimento.

A tensão entre diversas culturas políticas foram criadas e recriadas continuamente através das articulações entre os conceitos utilizados, a partir de uma redefinição semântica de novas categorias que circulavam através de outros textos do período, e, lado a lado de novas categorias importadas de outras tradições intelectuais e culturais redefinidas semanticamente para adaptar-se à realidade brasileira.

As concepções analisadas permutam o contexto de produção e difusão de nossas idéias, transfigurando-se em tradições de pensamento que são apropriadas e reinterpretadas sobre diversas circunstâncias, pois, através dos diversos modelos disponíveis como o caso russo, americano, francês, inglês, movem os atores a estipularem novas

formas de organização política e social, numa espécie de sublimação do próprio tempo histórico, ao re-inventar e re-significar estas matrizes. A história do Brasil seria no fundo um grande dilema, entretanto, o movimento da história está sujeito às reviravoltas e ziguezagues.

Este livro de João Marcelo Ehlert Maia é fruto de sua tese de doutorado, defendida no Iuperj sob orientação de Maria Alice Rezende de Carvalho, sendo o vencedor do Prêmio Jorge Zahar de Ciências Sociais e o prêmio de melhor tese defendida na área de sociologia concedido anualmente pela Anpocs. Não resta dúvida da poderosa contribuição dos seus argumentos para re-pensarmos as nossas tradições de pensamento social e político.

* MARO LARA MARTINS é doutorando em Sociologia pelo Iuperj.